*Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 1, p. 61-69, jan-abr. 2006*

# Relativização em Xipaya (Tupí)

## Relativization in Xipaya (Tupian)

*Carmen Lúcia Reis Rodrigues* [I]

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é apresentar as construções relativas em Xipaya e as estratégias utilizadas para formar essas construções. Verificar-se-á que a relativização é marcada pelo morfema *jahã*, embora, com baixa produtividade, existam relativas formadas por justaposição. As relativas marcadas gramaticalmente podem se apresentar com núcleo ou sem núcleo e, nos dois casos, pode haver encaixamento ou não da subordinada na oração principal.

**Palavras-chave**: Língua Xipaya. Orações relativas. Relativização. Morfema.

**Abstract***:* This work presents relative constructions in Xipaya and the strategies used in building such constructions. It is observed that relativization is marked by the morpheme *jahã*, and, with much lower productivity, by juxtaposition. The relative constructions that are grammatically marked may occur with or without a modified head, and in both cases it is possible for the construction to occur embedded or not in the matrix clause.

**Keywords***:* Xipaya Language. Relative constructions. Relativization. Morpheme.

[I] Universidade Federal do Pará. Professora. Belém, Pará, Brasil (reis@ufpa.br).

## CONSTRUÇÕES RELATIVAS EM XIPAYA

Em Xipaya (família Juruna, Tupí) tem-se, em geral, uma construção relativa quando um nome (N) do sintagma nominal (SN) é modificado por um verbo estativo, com função de adjetivo, ou por uma oração. O verbo estativo ocorre no sintagma nominal para expressar a noção de adjetivo, já que não há uma classe de adjetivos na língua; essa noção é expressa, com freqüência, através de um verbo estativo acompanhado do morfema ***jahã***, conforme (1) e (2).

(1) **senapy ba urahu *jahã* e-akyry**
homem mão ser grande SUB PERF-cortar
Lit.: 'A mão que é grande do homem está cortada'
'A mão grande do homem está cortada.'

(2) **senapy urahu *jahã* ba e-akyry**
homem ser grande SUB mão PERF-cortar
Lit.: 'A mão do homem que é grande está cortada.'
'A mão do homem grande está cortada.'

Em (1), ***urahu*** é o modificador de ***ba*** 'mão' (termo possuído) e, em (2), ao contrário, é o modificador de ***senapy*** 'homem' (termo possuidor). Nos dois exemplos, ***urahu*** ocorre imediatamente após o elemento que modifica, visto que, nesse tipo de construção, a relativização é realizada pelo N seguido de seu modificador, o que a caracteriza como pós-nominal (ver *Relativas com Núcleo*).

O mesmo procedimento de relativização ocorre quando o N modificado é argumento do verbo:

(3) **apy [urahu *jahã*] ta**
cachorro ser grande SUB ir
Lit.: 'O cachorro que é grande foi embora.'
'O cachorro grande foi embora.'

(4) **ija [kuhu *jahã*] wi na he**
água estar quente SUB beber 1s MOD
Lit.: 'Eu estou bebendo a água que está quente.'
'Eu estou bebendo água quente.'

(5) **sidia parata [eapíku *jahã*] kua u-ze**
mulher prato estar quebrado SUB dar pr.1s-DAT
Lit.: 'A mulher me deu o prato que está quebrado.'
'A mulher me deu o prato quebrado.'

Nos exemplos de (3) a (5), também há um verbo estativo modificando o N núcleo do SN argumento do verbo. Em (3), o SN relativizado ocorre em posição de sujeito e, em (4) e (5), ocorre em posição de objeto. Convém observar, no entanto, que a estratégia de relativização usada para expressar a noção de adjetivo nem sempre se faz obrigatória, o que se confirma pelo menos nas construções em que o nome, determinado por um verbo estativo, encontra-se com função de complemento circunstancial, como pode ser visto nos exemplos (6a) e (6b).

(6) a. **senapy pyza urahu he urúku**
homem canoa ser grande LOC remar
'O homem remou na canoa grande.'

b. **senapy pyza [urahu *jahã*] he urúku**
homem canoa ser grande SUB LOC remar
Lit.: 'O homem remou na canoa que é grande.'
'O homem remou na canoa grande.'

A noção de adjetivo expressa pelo procedimento de relativização pode ser melhor ilustrada ao se comparar construções em que um verbo estativo ocorre ora com função atributiva (7a) e (8a) ora com função predicativa (7b) e (8b).

(7) a. **ija kúhu *jahã* kuxáma he**
água estar quente SUB panela de barro LOC
Lit.: 'Tem água que está quente na panela.'/ 'A água que está quente está na panela.'
'Tem água quente na panela.'/ 'A água quente está na panela.'

b. **ija kúhu**
água estar quente
'A água está quente.'

(8) a. **ty apy urahu *jahã* didaku**
3S cachorro ser grande SUB bater
Lit.: 'Ele bateu no cachorro que é grande.'
'Ele bateu no cachorro grande.'

b. **apy urahu**
cachorro ser grande
'O cachorro é grande.'

Note-se que é possível ter o N relativizado por mais de um elemento, como em (9):

(9) **ziapa [dúrea *jahã*] [paã *jahã*] wady**
pajé ser velho SUB ser bom SUB estar doente
Lit.: 'O pajé que é velho e que é bom está doente.'
'O pajé velho e bom está doente.'

## TIPOS DE ORAÇÕES RELATIVAS

Conforme os exemplos acima, a relativização ocorre em construções em que o N do SN é modificado por um verbo estativo com função de adjetivo, entretanto, também pode ocorrer quando esse nome é modificado por uma oração, como já foi mencionado no início deste trabalho. Nesse caso, o morfema ***jahã*** posiciona-

se no final do sintagma nominal que modifica o núcleo da relativa, do mesmo modo como acontece para as construções relativas em que o modificador do N é um verbo estativo.

(10) **xíta padyka na de [ara he *jahã*]**
**padyku-a**
peixe pegar-IR 1s OBJ paneiro LOC SUB
Lit.: 'O peixe, eu o pegarei, o que está no paneiro.'
'Eu pegarei o peixe que está no paneiro.'

(11) **sawázi jady [xita padyku *jahã*] ta anu**
menino TEMA peixe pegar SUB ir MOD
'O menino que pegou peixe foi embora.'

(12) **ena senapy [apy abáku *jahã*] didaku**
2S homem cachorro matar SUB bater
'Você bateu no homem que matou o cachorro.'

Desse modo, nas orações (10) a (12), o núcleo da relativa é modificado por uma oração e, nas três construções, o SN da oração principal é co-referencial com o sujeito da relativa. O núcleo da relativa corresponde ao sujeito de uma oração locativa em (10); de uma oração intransitiva em (11); e de uma oração transitiva em (12). E nessas construções têm-se os constituintes organizados de acordo com a ordem canônica da língua (SOV), que se observa em orações independentes, como as que parafraseiam a oração (12):

Paráfrase da oração principal: **ena senapy didaku** (SOV)
2S homem bater
'Você bateu no homem.'

Oração subordinada: **senapy apy abáku** (SOV)
homem cachorro matar
'O homem matou o cachorro.'

Conforme se verifica em (12), a oração relativa usada para modificar o SN da oração principal apresenta a estrutura: SN + verbo + ***jahã***. O morfema ***jahã***, usado nas relativas com função de relativizador, caracteriza-se também como uma marca de subordinação, tendo em vista sua ocorrência em outras orações subordinadas (RODRIGUES, 1995): causais, finais e consecutivas. Os tipos de relativas marcadas por ***jahã*** podem ocorrer com núcleo ou sem núcleo, como será visto a seguir.

## Relativas com núcleo

As orações relativas que apresentam núcleo externo podem apresentar a relativa encaixada na oração principal seguindo o seu núcleo, caracterizando-se, assim, como pós-nominal, como exposto nos exemplos (13) e (14). No entanto, também podem ocorrer com a relativa separada de seu núcleo, posposta à oração principal, como nas orações (15) e (16).

(13) **senapy [u-dja didaedaku[1] *jahã*] huta abáku**
homem 1s-mãe bater SUB cobra matar
'O homem que bateu na minha mãe matou a cobra.'

(14) **pakuã jady [kuazady he *jahã*] xu na**
banana TEMA sol LOC SUB comer 1s
'Eu comi a banana que estava no sol.'

(15) **senapy du na [apy tu *jahã*]**
homem ver 1s cachorro morder SUB
'Eu vi o homem que o cachorro mordeu.'

(16) **una tukája sa he [u-túpa e-ze kua *jahã*]**
1S flecha querer MOD pr.1s-pai pr.2s-DAT dar SUB
'Eu quero a flecha que meu pai lhe deu.'

Em (13), o sujeito da oração principal é co-referencial com o sujeito da oração relativa; em (14), o objeto da principal é co-referencial com o sujeito da relativa; e, em (15) e (16), o objeto da principal é co-referencial com o objeto da relativa. Ou seja, em (13) e (14), o elemento relativizado corresponde ao sujeito da oração relativa e, em (15) e (16), esse elemento corresponde ao objeto da relativa. Nas quatro construções, a estrutura da oração relativa permanece a mesma (SN + verbo + ***jahã***). No entanto, o que permite desfazer a ambigüidade em relação à função gramatical, na oração subordinada, do elemento relativizado é a posição da oração subordinada. Como se observa em (13) e (14), em que o termo antecedente é o sujeito da subordinada, a oração relativa apresenta-se seguindo o seu núcleo, o que caracteriza as relativas do tipo pos-nominal (ou pós-nuclear). Porém, quando o termo antecedente é o objeto da subordinada, como nos exemplos (15) e (16), a relativa ocorre separada de seu núcleo.

Em relação à função gramatical do SN relativizado, algumas línguas marcam morfologicamente a função gramatical que o SN modificado assume na relativa (KEENAN, 1985), outras o fazem pela ordem de palavras da oração relativa (GIVÓN, 1990). Em Xipaya, entretanto, de acordo com o que já foi mencionado acima, tal função é marcada pela posição da relativa na oração.

A distinção quanto à posição da relativa, em relação ao seu núcleo, pode ser observada ainda nos exemplos de (17) a (19):

(17) **apy [u-dja tu *jahã*] abáku na de**
cachorro pr.1s-mãe morder SUB matar 1s OBJ
Lit.: 'O cachorro que mordeu minha mãe, eu o matei.'
'Eu matei o cachorro que mordeu minha mãe.'

(18) **du na de apy [senapy tu *jahã*]**
ver 1s OBJ cachorro homem morder SUB
'Eu o vi, o cachorro que mordeu o homem.'

[1] Forma reduplicada para o verbo 'bater'.

(19) **u-mabya xîta xu [ena atúhu *jahã*]**
1s-filha peixe comer 2S assar SUB
'Minha filha comeu o peixe, que você assou.'

Observe-se que, nas construções (17) e (18), em que o termo modificado é o sujeito da relativa, a oração subordinada segue o seu núcleo, mas está separada da principal, ou seja, não se encontra encaixada nesta. Quando isso ocorre, a relativa pode vir antes, como em (17), ou depois da principal, como em (18). Segundo Givón (1990), o não encaixamento da relativa é uma estratégia de relativização encontrada em várias línguas, como em Bambara, por exemplo.

Na construção (19), a relativa apresenta-se extraposta a seu núcleo por tratar-se de uma construção em que o núcleo relativizado é o objeto da subordinada.

Conforme estudos realizados por Fargetti (2001), em Juruna, outra língua da família Juruna, a relativização é marcada pelos sufixos *–jã* e *–jãhã*, que considera como nominalizadores: "O primeiro, *–jã*, ocorre geralmente quando se relativiza o sujeito da oração (transitiva ou intransitiva). O segundo, *–jãhã*, ocorre quando se relativiza o objeto, o oblíquo e o sujeito de verbo estativo/descritivo":

(20) **senáhý [kyhu txatxa-*jã*] u=adjidja**
homem pescar ir-red-NOM 1s=irmão
'O homem que foi pescar é meu irmão.'

(21) **izáku na [alí be apý atxu-*jãhã*] be**
ver 1s menino DAT cachorro morder-NOM DAT
'Eu vi o menino que o cachorro mordeu.'

No entanto, Fargetti ressalta que a distinção entre esses dois marcadores não é clara, sendo necessária a realização de estudos posteriores acerca desse assunto, pois o sufixo *–jã* ocorre também quando o verbo sofre reduplicação. Como visto neste trabalho, *–jã* não ocorre nas relativas em Xipaya.

De acordo com o que foi observado por Fargetti (2001), em relação à relativização em Juruna, os sufixos *–jã* e *–jãhã* estariam marcando a função gramatical que o núcleo modificado ocupa na oração principal, diferente do que acontece em Xipaya, em que, pelos dados recolhidos até então, o que é marcado é a função (sujeito ou objeto) daquele elemento na oração subordinada.

## Relativas sem núcleo

A estrutura das relativas sem núcleo é a mesma das relativas com núcleo (SN + verbo + *jãhã*), conforme (22a) e (22b):

(22) a. **du na de. [sawázi didaku *jahã*] du na** (sem núcleo)
ver 1s OBJ criança bater SUB ver 1s
'Eu o(a) vi. Eu vi quem bateu na criança.'

b. **du na de. sidia [sawázi djidaku *jahã*] du na** (com núcleo)
ver 1s OBJ mulher criança bater SUB ver 1s
'Eu o(a) vi. Eu vi a mulher que bateu na criança.'

Nas relativas sem núcleo, assim como nas relativas com núcleo, o SN argumento do verbo da subordinada pode ser interpretado como sujeito ou como objeto do verbo, mas, diferentemente do que ocorre nas relativas com núcleo, nestas há ambigüidade em relação à função gramatical da posição relativizada (sujeito ou objeto), como exposto nos exemplos (23), (24) e (25).

(23) **du na de. [ɸ abáku *jahã*] du na**
ver 1s OBJ 3s matar SUB ver 1s
'Eu o(a) vi. Eu vi quem/o que ele matou.'

(24) **una xíta xu he. [u-dja atúhu *jahã*] xu na he**
1S peixe comer MOD 1s-mãe assar SUB comer 1s MOD
'Eu estou comendo peixe. Eu estou comendo o que a minha mãe assou.'

(25) **wi na de [ena ada *jahã*]**
beber 1s OBJ 2S enviar SUB
'Eu o bebi, o que você mandou.'

Em Xipaya, nas relativas sem núcleo externo, a subordinada pode aparecer encaixada na principal ou separada desta, independente do papel gramatical da posição relativizada; ou seja, a posição relativizada pode ser interpretada como sujeito ou como objeto da subordinada, conforme o contexto de comunicação. Por exemplo, de (23) a (25), a posição relativizada é objeto da subordinada – que poderia ser o sujeito desta, em outra tradução – sendo que, em (23) e (24), a relativa encontra-se encaixada na principal e, em (25), encontra-se extraposta. O mesmo ocorre quando se trata do sujeito da subordinada:

(26) a. **ɸ [ijã *jahã*] katu anu. ɸ katu de**
3S morrer SUB enterrar MOD 3S enterrar OBJ
'Ele enterrou o que morreu/o morto. Ele o enterrou.'

b. **ty jady katu de anu [ijã *jahã*]**
3S TEMA enterrar OBJ MOD morrer SUB
'Ele o enterrou, o que morreu.'

(27) **du ty ena de [ziapa didaku *jahã*]? du ya de?**
ver INT 2S OBJ pajé bater SUB ver 2s.INT OBJ
'Você o viu, o que bateu no pajé? Você o viu?'

Observe-se que as construções sem núcleo podem ocorrer também, internamente, no complemento circunstancial indicando instrumento (28) ou locativo (29), (30):

(28) **[ajãuã *jahã* da] ena akýry de anu ipa akýry**
sem dente SUB INS 2S cortar OBJ MOD pau cortar
Lit.: 'Com o que estava cega, você o cortou, cortou o pau.'
'Você cortou o pau com (a faca) que estava cega.'

(29) **una aza [karahu *jahã* he]**
1S cair fundo SUB LOC
'Eu caí em algo fundo.'

(30) **una [huta abu *jahã* he] na aza**
1S cobra COP SUB LOC 1s cair
'Eu caí onde tinha cobra.'

Conforme visto até aqui, as orações relativas são marcadas por *-**jahã*** no final do SN que modifica o núcleo da relativa. No entanto, embora essa seja a estratégia de relativização mais produtiva, a língua Xipaya utiliza-se de um outro recurso, usado raramente, para expressar essa noção: trata-se da justaposição de orações.

(31) **[du na de]. [apy senapy tu]**
ver 1s OBJ cachorro homem morder
Lit.: 'Eu o vi. O cachorro mordeu o homem.'
'Eu vi o cachorro que mordeu o homem.'

(32) **[una du de]. [senapy du na]. [apy tu de]**
1S ver OBJ homem ver 1s cachorro morder OBJ
Lit.: 'Eu o vi. Eu vi o homem. O cachorro o mordeu.'
'Eu vi o homem que o cachorro mordeu.'

## CONCLUSÃO

Apresentaram-se, neste trabalho, as estratégias usadas para marcar a relativização em Xipaya. A oração relativa é marcada pelo mesmo morfema que acompanha o verbo estativo com função atributiva, ocorrendo após o núcleo relativizado. Quando essas orações apresentam-se seguidas de seu antecedente, a função gramatical da posição relativizada é codificada pela posição da relativa em relação ao seu núcleo. Desse modo, quando a posição relativizada é o sujeito da relativa, esta ocorre seguindo o seu núcleo, e quando é o objeto, a oração subordinada apresenta-se deslocada do núcleo. Entretanto, conforme os dados disponíveis até o momento, nas relativas sem núcleo, o status gramatical da posição relativizada não é marcado, sendo determinado pelo contexto lingüístico.

É importante mencionar que, embora a análise sobre os mecanismos de relativização em Xipaya leve em consideração a existência de orações relativas – diferente do que se tem para o Juruna em que tal fenômeno é visto como nominalização –, é necessária uma investigação mais detalhada sobre as relativas nessa língua, a fim de se esclarecer se de fato, em Xipaya, trata-se de orações relativas ou de formas verbais nominalizadas.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço todos os comentários e sugestões feitos pelos pareceristas deste artigo, contudo, o conteúdo deste trabalho é de minha inteira responsabilidade.

## ABREVIATURAS

| | |
|---|---|
| 1s | primeira pessoa do singular |
| 2s.INT | segunda pessoa do singular interrogativa |
| pr.1s | prefixo de primeira pessoa do singular |
| pr.2s | prefixo de segunda pessoa do singular |
| 1S | primeira pessoa do singular (pronome independente) |
| 2S | segunda pessoa do singular (pronome independente) |
| 3S | terceira pessoa do singular |
| COP | cópula |
| DAT | dativo |
| INS | instrumental |
| INT | interrogativo |
| IR | modo *irrealis* |
| LOC | locativo |
| MOD | modal |
| OBJ | objeto |
| PERF | perfeito de estado |
| SUB | subordinador |
| NOM | nominalizador (em Juruna) |

## REFERÊNCIAS

FARGETTI, C. M. 2001. **Estudo Fonológico e Morfossintático da Língua Juruna.** Tese (Doutorado) – UNICAMP, Campinas, SP.

GIVÓN, T. 1990. **Syntax:** a functional typological introduction. Amsterdam: John Benjamins.

KEENAN, E. L. 1985. Relative clauses. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description:** complex constructions. Cambridge: Cambridge University Press. p. 140-170. v. 2.

RODRIGUES, C. L. R. 1995. **Etude Morphosyntaxique de la langue Xipaya (Bresil).** Tese (Doutorado) – Universidade Paris VII, França.

Recebido: 15/11/2003
Aprovado: 30/11/2005